

EDITORIAL

A distinção entre os gêneros do discurso, em verso ou em prosa, é corrente entre autores gregos e latinos, seja poetas e oradores, seja comentadores destes. Aristóteles, por exemplo, já nos três primeiros capítulos da *Poética*, define três elementos (em que se imita, o que se imita, como se imita), por meio dos quais se possam distinguir uns dos outros os gêneros de imitação (pintura e escultura; poética, dança, aulética e citarística) e, daí, umas das outras as espécies do gênero poético (epopéia, tragédia, iambos, comédia); assim também, Horácio, num passo da *Arte poética*, vale-se de dois elementos (verso e matéria) para distinguir entre os gêneros poéticos (epopéias, elegia e epigrama, epodo e drama, lírica coral e solista). Porém, apesar de ser correntes, as distinções nem sempre foram claras; ou ainda, quando claras, nem sempre foram respeitadas. Pois, às vezes, das características de um gênero de discurso, umas podem ser exclusivas dele, e outras, comuns entre ele e outro; daí, aquele ou não se distingue bem do outro, de modo que se possa dizer confuso, ou, por causa das características comuns com o outro, acaba por admitir igualmente as características exclusivas do outro, de modo que se possa dizer misto. Logo, apesar das distinções genéricas adotadas pelos próprios poetas e oradores, ou descritas pelos comentadores destes, tanto houve confusão e mistura na prática daqueles, quanto dissensão e contradição entre as opiniões destes. Por exemplo, entre os poetas, Homero, no “Canto I” da *Odisséia*, distingue entre a gesta (*érga*), de matéria bélica, e o retorno (*nóstos*), de matéria náutica (I, 325-44); apesar da distinção, Vergílio, na *Eneida*, mistura um gênero com o outro, de dois modos: no todo da *Eneida*, por justaposição, narrando primeiro a navegação de Enéias de Tróia ao Lácio, e depois a guerra entre troianos e rútuos; na parte, isto é, num passo do “Canto VIII”, por fusão, resumindo a guerra naval entre Antônio e Otávio (VIII, 671-713). Entre os comentadores, por sua vez, Aristóteles, no “Capítulo 2” da *Poética*, define o que se imita (superiores e inferiores e também semelhantes), de modo a distinguir entre tragédia e comédia, na medida em que aquela imita superiores, e esta, inferiores. Depois, porém, no “Capítulo 25”, distingue entre Sófocles e Eurípides, dizendo que aquele faz os homens tais quais devem ser, e este, tais quais são, de modo que, apesar de ambos ser tragediógrafos, se possa inferir que Sófocles é que imita, conforme a distinção do “Capítulo 2”, melhores, e Eurípides, apesar da distinção, semelhantes. Em suma, apesar de delimitar o território de cada gênero, os antigos não raro transpuseram as fronteiras dos gêneros.

O PPG Letras Clássicas da FFLCH/USP atentou para tal questão, importante e fecunda, e também para o fato de não poucos manuais de literatura grega e latina ou, ainda, de história da teoria literária afirmar, de modo genérico, que os autores antigos obedeciam igualmente às convenções dos gêneros, e os comentadores daqueles descreviam consensualmente tais convenções, de modo que os gêneros fossem simples e puros, e não confusos nem misturados. Por isso, este número de *Letras Clássicas* dedica-se ao problema da distinção entre os gêneros do discurso.

Na “Seção de artigos”, examinam-se textos antigos que encerram em si características de mais de um gênero de discurso; em particular, examinam-se os seguintes problemas: a) oposição entre o discurso específico de Tersites, maldizente, e o discurso geral da *Iliada*, encomiástico; ou ainda, entre o discurso dos aqueus, público, proferido na *agorá* ou na *boulé*, e o discurso dos troianos, privado, proferido no âmbito doméstico (G. Zecchin de Fasano). b) Relações entre descrição geográfica e relato de viagem em Homero; ou ainda, distinção entre as origens da poesia de catálogo, beócias, e as da poesia de narração, eólias ou jônias (C. Bocchetti). c) Distinção entre a narração, que faz parte do discurso mélico, e a execução, por meio da qual se apresenta este ao público numa ocasião específica; ou ainda, entre as várias primeiras pessoas do gênero mélico: a do poeta que compôs o canto, a do chefe que conduz o coro, a dos coreutas que entoam o canto (C. Calame). d) Embora, em geral, ações antigas, de aspecto mítico, convenham ao tragediógrafo, e ações contemporâneas, ao historiador, Ésquilo, todavia, nos *Persas*, trata de modo épico a história recente de Atenas, de modo a torná-la mito trágico (G. de Santis). e) Embora referências ao ato sexual e, daí, ao órgão genital masculino ou feminino sejam freqüentes na comédia antiga e também no drama satírico, podem-se encontrar não poucas alusões, explícitas ou veladas, nas tragédias de Eurípidés, o que talvez se explique, não porque Eurípidés tenha sido inovador, mas porque a tragédia e comédia tenham origem comum (J. A. L. Férez). f) Ao adaptar-se a *Medéia* de Eurípidés ao contexto brasileiro, não só o mito da peça mudou, de modo que a ação e caráter das personagens antigas se acomodassem aos valores e problemas brasileiros contemporâneos, mas também o gênero, de modo que as características trágicas se transformassem de acordo com a recepção do público e os meios de execução (M. C. M. N. Coelho). g) Os hinos, primeiro, foram compostos para ser executados numa ocasião particular (por exemplo, num dia de festa pública), e, depois, passaram a ser compostos para ser executados em ocasiões quaisquer (ora na corte de um governante, ora num ambiente letrado, ora no recolhimento do leitor); apesar da mudança da execução, porém, a composição

preservou as características do gênero graças ao processo de imitação dos autores posteriores, como se pode ver da comparação entre o hino homérico *A Deméter*, o hino de Calímaco *A Deméter* e a narração de Ovídio do mito de Erisícton (J. B. Fontes).

Na “Seção de traduções”, apresenta-se tradução do texto grego anônimo d’*O certame Homero-Hesíodo* (JAA Torrano), em que se confrontam dois gêneros de épos: o homérico e o hesiódico, e também tradução de dois textos latinos: um, do rétor Quintiliano (T. M. Martin), em que se caracterizam os gêneros de quantidade do discurso (sutil, grandioso, médio), e o outro, do gramático Diomedes (I. L. Garbellini), em que se descrevem os gêneros de poemas (epopéia, elegia, iambo, epodo, sátira, bucólica, tragédia, comédia, drama satírico, mimo).

Na “Seção de notícias”, arrolam-se as pesquisas do PPG Letras Clássicas da FFLCH/USP concluídas em 2004, isto é, teses defendidas e dissertações apresentadas, e as pesquisas de doutorado e mestrado em andamento em 2005.

Na “Seção de resenhas”, comentam-se livros e traduções da área dos Estudos Clássicos.

Os textos foram elaborados por pesquisadores de programas de pós-graduação que honraram o nosso periódico com a sua colaboração. Por isso, registramos, com os nossos agradecimentos, os nomes desses pesquisadores, bem como os das instituições a que pertencem. Assim, agradecemos a colaboração a: CARLA BOCCHETTI, da Universidad del Rosario (Colômbia); CLAUDE CALAME, da École des Hautes Études en Sciences Sociales (França); GRACIELA ZECCHIN DE FASANO, da Universidad Nacional de La Plata (Argentina); GUILLERMO DE SANTIS, da Universidad Nacional de Córdoba (Argentina); IZABELLA LOMBARDI GARBELLINI, da FFLCH/USP; JAA TORRANO, da FFLCH/USP; JOAQUIM BRASIL FONTES, da Unicamp; JUAN ANTONIO LÓPEZ FÉREZ, da Universidad Nacional de Educación a Distancia (Espanha); LILIAN AMADEI SAIS, da FFLCH/USP; MARIA CECÍLIA DE MIRANDA NOGUEIRA COELHO, da FFLCH/USP; RODOLFO JOSÉ ROCHA RACHID, da FFLCH/USP; THAÍS MORGATO MARTIN, da FFLCH/USP.

Editor-responsável
MARCOS MARTINHO
PPG Letras Clássicas
FFLCH/USP